

KOLPING: Pessoa, programa, movimento no Mundo do Trabalho

A atualidade da proposta de Adolfo Kolping do Brasil

(Pe Paulo Link - Janeiro de 2002)

Introdução

Nas páginas que seguem, será exposto como um determinado movimento social, a Obra Kolping, que se originou na Europa, através de membros emigrados, chegou ao Brasil e a América Latina.

Veremos como esse movimento, sensibilizado pelas necessidades sociais vividas na sua pátria e no exterior, e motivado pela fé cristã, procura traduzir a doutrina social cristã em ação, e da uma contribuição para a solução daquilo que já o primeiro Concílio Vaticano (1869/70) enumerou entre as preocupações mais difíceis e mais urgentes e desde então e conhecido como Questão Social.

Será nosso intento mostrar como se coloca hoje a grande Questão Social, que assumiu dimensões mundiais, como os cristãos a enfrentam e qual a motivação pela pessoa de Adolfo Kolping e a contribuição do Movimento Obra Kolping.

1. A Questão social de hoje: o Sub-Homem

1.1 - O desafio

O que está em jogo e a solução da Questão Social de hoje, talvez o problema mais grave dos nossos dias.

A Questão Social é tão antiga quanta a humanidade. Mas tornou-se particularmente aguda a partir da industrialização. No Terceiro Mundo dos últimos 20 anos tornou-se simplesmente gritante.

Por Questão Social hoje não entendemos apenas a Velha Questão Social que se refere às relações entre capital e trabalho, mas também a Nova Questão Social, que se preocupa com a justiça e a igualdade de oportunidades dentro da sociedade. Não consideramos apenas a Pequena Questão Social que se restringe isoladamente a um país, mas também a Grande Questão Social Moderna, que se tornou mundial, e que tem como objeto a problemática Norte Sul, as relações entre as nações industrializadas super-ricas e os países subdesenvolvidos totalmente empobrecidos.

A Questão Social dos nossos dias tem a sua forma mais concreta e seu rosto mais brutal na sorte do sub-homem, que clama aos céus. O "sub-homem" - O termo é de Helder Câmara, bispo da região nordeste do Brasil - é o irmão pobre da terra. Este vive à margem, relegado, embaixo. São milhões, para os quais não há lugar na mesa da humanidade. Este ser humano não tem nome nem prestígio - sem saúde e sem força - sem pão, sem roupa e sem abrigo - sem trabalho regulamentado - sem segurança e sem proteção - sem relações sociais - sem terra, sem dinheiro e sem crédito - sem sentido, sem animo e sem esperança.

1.2 - O exemplo do Brasil

Em um dos países do Terceiro Mundo, o Brasil, um país intermediário, que deseja inserir-se entre os países industrializados que com 8,5 milhões de quilômetros quadrados é o quinto país do mundo, com 170 milhões de habitantes representa a quinta maior população, com uma renda per capita USD 3.430 e USD 600 bilhões de PIB (produto interno bruto), e a nona potência econômica do mundo, morrem diariamente mil crianças a maioria delas de fome.

Apenas 20% da população dispõe de mais de 80% da receita nacional, e a relação entre a renda mais alta e renda mais baixa é de cem por um. 2% dos 5 milhões de proprietários rurais tem em seu poder 50% das terras. Nos últimos 30

anos 50 milhões de pessoas deixaram seu lugar de origem, em busca de sobrevivência e melhor sorte nas grandes cidades. A maioria dos brasileiros recebe mais terra quando morrem do que quando se encontram em vida. O Brasil é, na verdade, uma terra rica, tão rica que frequentemente se diz que "Deus é brasileiro". Mas o país é tão dolorosamente pobre em justiça que, muitas vezes, a chamada "terra de santa cruz", para a maioria mais de cruz que de santa. São Paulo com seus soberbos centros e suas miseráveis periferias, e bem a imagem do Brasil, como alias de toda a situação mundial de hoje.

Cerca de 350 mil crianças e jovens vivem aqui sem pais, sem abrigo e sem comunidade. No cemitério dos pobres desta metrópole são enterrados ou cremados diariamente 80 a 120 pessoas com a observação "desconhecido". Estes irmãos pobres da terra que somam bilhões constituem a Questão Social dos nossos dias. São os espinhos na carne da normalidade das coisas.

1.3. - A relação dos cristãos

É mais que evidente que os cristãos não podem fugir a este desafio. Juntamente com todos os homens de boa vontade, sua primeira reação só pode ser de indignação.

O fato desta situação do sub-homem estar sendo apontada perante a opinião pública mundial, com veemência profética, a partir do continente latino-americano, e mérito particular da Teologia da Libertação. Ela é o grito articulado dos pobres a partir da fé e da miséria. Ela é a impaciência transformada em teologia.

A sua novidade "não resulta dela própria, mas... da imensa problemática histórica com a qual se debate em nome da fé da Igreja: com a situação de pobreza e opressão, com a exigência ética e crista de novas formas de organização social" (c. e L. Boff).

Sensibilizados pelos sinais negativos da época, os cristãos não deixarão de refletir sobre o potencial espiritual de que dispõem e introduzir o que tem de mais próprio e mais precioso na dramática realidade do nosso tempo. É o amor de Deus vivido através da caminhada da história, concretamente experimentada sobretudo nos acontecimentos do Êxodo e da Ressurreição, que liberta e planifica. O Êxodo, a libertação de um povo perdido sem esperança da escravidão política, e a Ressurreição, a libertação de toda a humanidade do peso e do domínio da morte, não são simplesmente algum símbolo ou paradigma para este povo, mas a mais sólida realidade. São os fundamentos do Reino de Deus que em Cristo, o novo homem, encontrou a sua forma corporal. O cristianismo vive desta descoberta, e onde ela acontece surge nova vida, nova luz e novo sentido. Esta vida nova desenvolve-se, liberta da estreiteza e do egoísmo, abre novos caminhos e perspectivas, transforma atitudes e estruturas. O homem adquire uma nova consciência de si. Esta ciente de que é o senhor, irmão e criança. Senhor, que pode e deve ter o domínio das coisas e dos sistemas; irmão, que vê no próximo uma criatura e presente de Deus, que agradece, torna-se generoso e começa a servir segundo a lei do receber e do repartir, criança, que se deixa surpreender pela vida e diante das grandes dimensões da felicidade, do amor e do futuro, espera de Deus não apenas alguma coisa, mas tudo, e o adora.

Quando o homem vive como criança, irmão e senhor, acontece libertação: libertação da escravidão, do pecado e da morte - libertação para a participação da vida em todas as suas dimensões e finalmente na comunidade com o próximo e com Deus.

Quando entra em ação esta visão espiritual e este potencial gerador de sentido e de esperança, o sub-homem que vive à margem, através de um processo de libertação - participação/compartilhamento - da comunidade, pode alcançar a dignidade de senhor, irmão e criança diante das coisas, dos homens e de Deus. Se faltar esse potencial serão vão todos os planos, estratégias e estruturas. "O mundo será diferente quando os cristãos se tornarem melhores" (Adolph Kolping). Somente quando as consciências forem sacudidas dessa maneira, surgirá um novo movimento, uma nova solidariedade.

Ao descrever, a seguir, o movimento criado por Adolph Kolping, perguntamo-nos se um movimento que nasceu num outro país, em outro continente, no passado, em outro século, pode ter sentido e é capaz de apontar caminhos em nossa época e para os nossos povos.

2. A Obra Kolping: um despertar cristão

2.1 - A figura do fundador

Kolping é o nome de um homem que, a partir da fé crista e tocado pela miséria social, dedicou-se ao povo simples, particularmente aos jovens artesãos e trabalhadores. É o sacerdote católico Adolph Kolping. Ele foi um dos primeiros padres católicos que nos tempos modernos se dedicou total e exclusivamente a pastoral social.

Adolph Kolping viveu de 1813 a 1865. Nascido na pequena cidade de Kerpen, perto de Colônia, na Alemanha, sapateiro desde a idade de 12 anos, com 32 anos começou a trabalhar como padre numa cidade industrial. No dia 06 de maio de 1849, com sete jovens fundou a primeira associação de trabalhadores. Em 16 anos reuniu 25000 jovens trabalhadores em 418 associações, apesar da sua saúde combalida e de recursos financeiros extremamente escassos. Por causa dessa dedicação exemplar, O papa João Paulo II chamou-o de modelo para os cristãos de hoje. O cardeal Arns, protetor da Obra Kolping do Brasil, viu nele um "homem para o Terceiro Mundo". No dia 27 de outubro de 1991, Adolph Kolping foi beatificado em Roma, na presença de aproximadamente 30.000 membros de sua Obra.

2.2 - Programa

Para corresponder aos sinais dos tempos e dar a fé crista vivida uma expressão concreta, Adolph Kolping apresentou-se com um programa bem definido. Este programa representava, por um lado, a superação do princípio meramente caritativo-assistencial, por outro, uma crítica construtiva e uma correção do liberalismo perfeccionista com pretensões de solução definitiva "Só o indivíduo e o que conta" e do socialismo nascente "Só a classe é o que conta". Segundo a máxima; "Eu gostaria de ter ao meu redor pessoas que queiram fazer algo de si mesmas para transformar o mundo que as rodeiam", dirigia-se diretamente as pessoas atingidas pela miséria social e convidava-as a unirem-se para fazer frente aos novos desafios que se lhes apresentavam. Os seus destinatários imediatos não eram os mais pobres, porém os mais capazes e melhores entre os marginalizados.

A união das pessoas tinha como objetivo imediato a auto-ajuda. De pessoas que se apóiam e se ajudam mutuamente e avançam juntas, Kolping esperava o efeito de transbordo. A satisfação de conseguir melhores condições de vida em virtude da caminhada em comum certamente teria um efeito de contágio e influenciaria outras pessoas.

Adolph Kolping concretizava este objetivo, insistindo incansavelmente nos seguintes aspectos existenciais da vida humana:

- Religião, como ponto de partida.
- Trabalho, como expressão palpável direta da vida religiosa e da ação na sociedade.
- Organização do lazer, que não pode faltar na vida do dia-a-dia.

uma recordação da pátria de origem; um apoio no país estrangeiro;

e uma ponte para o novo mundo

A primeira Família Kolping foi fundada em São Paulo, em 22 de junho de 1923. Fatos semelhantes ocorreram em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Itaporanga (Santa Catarina), Curitiba (Paraná), Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), além destas, surgiram Famílias Kolping deste estilo em Buenos Aires (Argentina) e Caracas (Venezuela). Irmãos e religiosos, que tinham pertencido a Famílias Kolping européias e através dessas foram estimulados a ingressar em comunidades religiosas, em não poucos casos acompanharam com grande simpatia e dedicação as Famílias Kolping dispersas. Um dos méritos da Obra Kolping Internacional é o de Ter enviado os primeiros agentes de ajuda para o desenvolvimento aos países de missão.

Além disso, a Obra Kolping Internacional foi uma das forças propulsoras da fundação da **AGEH**, uma agência de serviços criada para promover a ajuda pessoal para o desenvolvimento. Em alguns países, religiosos e agentes de ajuda para o desenvolvimento foram os pioneiros na implantação e propagação da Obra Kolping.

3.2. A Ação Brasil

Ha 25 anos, estimulada pelo Concilio Vaticano II, pela Encíclica **Populorum Progressio** e pelas experiências já obtidas em encontros com países do Terceiro Mundo, a Obra Kolping, na sua 18ª Assembléia Geral realizada no ano de 1968, em Salzburgo, Áustria, resolveu dar um passo que representa uma novidade no campo do trabalho missionário e da ajuda para o desenvolvimento. Por um lado, renunciou ao princípio do regador, ou seja ao método de trabalho de desenvolvimento que consiste em ajudar um jardim de infância na Índia, a abertura de um povo na zona de Sahel, a construção de uma ponte na Indonésia, um asilo de idosos no Quênia, uma agremiação no Chile, um posto de saúde na Argentina. Em lugar disso, decidiu concentrar todos os esforços em um país, o Brasil, e num setor, a formação profissional. Por outro lado, conscientizou-se de que como parte do povo de Deus, como organização de leigos, devia assumir a obrigação missionária. Começou a apresentar a idéia da Obra Kolping e angariar membros entre pessoas que não falam alemão, no contexto brasileiro.

Este empreendimento concentrado recebeu o nome de Ação Brasil. As 3 mil Famílias Kolping da Alemanha, da Áustria, da Suíça, da Holanda, da Bélgica, do Norte da Itália, de Luxemburgo, dos Estados Unidos, do Canadá e da África do Sul começaram a conhecer países e gente, costumes e religiões, problemas e esperanças do Terceiro Mundo, sobretudo do Brasil. Procuraram adaptar-se aos grupos que se abriram para a Obra Kolping e se declararam dispostos a ajudar na implantação de Famílias Kolping.

Salzburgo foi o toque de avanço. Criou uma nova consciência e representou um ponto de partida. Como o fundador Adolph Kolping, no seu tempo, com os meios de que dispunha, viajou por todos os países que lhe eram acessíveis, para resolver a Questão Social de então, assim nos, num mundo cada vez menor, devemos seguir novos caminhos para resolver a Questão Social de hoje.

A missão não é tarefa só dos religiosos e clérigos. Todo leigo é convidado a colaborar segundo a sua maneira e no lugar em que se encontra. A Obra Kolping pode ser considerada uma das formas de articulação missionária para leigos. A Ação Brasil é uma concretização possível.

3.3. Resultados

Os primeiros frutos deste trabalho conjunto, em que se uniram os estímulos de fora com os esforços internos do país, foram as primeiras Famílias Kolping implantadas em São Paulo, em Assis, em Santa Catarina e no Mato Grosso. Fui pessoalmente um dos que se dedicou a fundação de uma Família Kolping no contexto brasileiro. Vindo da Alemanha, como sacerdote Fidei Donum e estabelecido na Arquidiocese de São Paulo, eu já estava trabalhando havia um ano numa região extremamente pobre do Oeste da Grande São Paulo. Então um brasileiro e um agente alemão de ajuda para o desenvolvimento, ambos pertencentes à Obra Kolping, procuraram-nos perguntando se estávamos interessados num trabalho de formação profissional para jovens. Apresentei a ideia de uma pequena obra social instalada num barraco de madeira, o Centro Social Santa Rita de Cassia, que esporadicamente desenvolvia atividades em benefício de crianças e mulheres.

O grupo já tinha conversado várias vezes sobre a necessidade de convidar jovens em crescimento, homens e famílias para cursos e programas. O grupo aceitou a proposta do pessoal da Obra Kolping de São Paulo e foi combinado organizar conjuntamente um curso de encanador numa garagem semi-acabada. Os que concluíram o curso formaram uma das primeiras Famílias Kolping no Brasil. Isso foi no dia 4 de novembro de 1972.

No dia 20 de setembro de 1973, as primeiras Comunidades Kolping uniram-se numa Federação Nacional. Foi o início da Obra Kolping do Brasil.

Depois disso surgiram 340 Comunidades Kolping na Obra Kolping brasileira. Uma Comunidade Kolping é, via de regra, uma união entre vários grupos, que se denominam Famílias Kolping. Trata-se de grupos de profissionais artesanais, associações de agricultores, grupos de crianças, de jovens e de adultos, clubes de mães, círculos culturais, grupos de alfabetização, escolas sociais, grêmios esportivos. O número total eleva-se a 834 (2001). Encontra-se em formação outros 73 grupos.

A Obra Kolping atua em:

159 municípios de 21 estados;

208 paróquias e 81 dioceses;

128 Comunidades Kolping encontram-se no Norte e Nordeste;

212 Comunidades Kolping no Centro - Oeste - Sul - Sudeste

O número de membros é de 26.847, dos quais 11.250 são efetivos, com direito de voto. Idade mínima de 18 anos, identificação com os ideais da Obra, fidelidade em assumir tarefas, pagamento da contribuição mensal (no mínimo 1% do salário mínimo) e uma orientação cristã, estes são critérios usados pelas diretorias das Comunidades Kolping locais para transformar membros apenas cooperadores em membros efetivos.

Os membros encontram-se mensalmente no Domingo Kolping (participação na liturgia, almoço comunitário, diversões) e na reunião dos sócios.

De acordo com o último relatório do ano de 2001 foram atingidas 29.539 pessoas na área de Profissão e Trabalho. Estas foram beneficiadas nos setores de formação profissional (18.271), autônomos (4.364), agricultura (3.897), (174) empreendimentos produtivos comunitários com 843 profissionais e aprendizes. Foram atendidos em grupos específicos, 9.403 crianças e jovens, 3.571 mulheres, e 1.552 idosos.

Cerca de 1.130 famílias em Programa de Moradia, 13.092 pessoas participaram de cursos de alfabetização, 31.814 de grupos esportivos e culturais.

Anualmente cerca de 4 mil pessoas participam de dias de reflexão, encontros de fim de semana e escolas sociais, em que se dedicam a um estudo sistemático da doutrina social cristã.

As Famílias Kolping recebem bimensalmente o Boletim Kolping, trata-se do Informativo oficial do Movimento Kolping no Brasil.

A maioria das Comunidades Kolping está estabelecidas nas periferias das grandes cidades e no interior. São formadas predominantemente nas camadas mais baixas da população.

Atualmente a Obra Kolping dispõe de 176 Casas Kolping próprias e atua ainda em locais cedidos por paróquias e dioceses, sendo em geral pequenos centros sociais, possui ainda, 16 Casas de Formação e 09 Casas de Hospedagem e 14 Quadras poliesportivas.

No período subsequente, a Ação Brasil ampliou-se numa Ação América Latina e Ac;ao Terceiro Mundo. Assim se formaram quinhentas Famílias Kolping com quarenta mil membros em treze países latino-americanos, além do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai, Venezuela.

Outros quinhentos grupos surgiram na África, particularmente no Quênia, em Uganda, Nigéria, Benin, Burundi, Ghana, Congo, Ruanda, Zâmbia, Togo, Tanzânia, e na África do Sul, e mais de 1.000 grupos surgiram na Ásia, Índia, Coreia, Filipinas, Sri Lanka, Vietnã, Timor Leste e Indonésia.

A Obra Kolping já foi implantada nos cinco continentes. Desde a Ação Brasil, em 1968, surgiram 2.000 Comunidades Kolping com 200 mil membros em 35 países. Já de há muito a Obra Kolping não é mais um ramallete de rosas alemãs, brancas, amarelas ou vermelhas. Agora é um ramallete formado das mais diferentes espécies de flores, desde tulipas até orquídeas, e outras mais.

4. A América Latina e Kolping: O processo

4.1 Inculturação

A Ação Brasil não é apenas um empreendimento de boa vontade de Comunidades Kolping já existentes, que desejam colaborar na obra das missões, na realização da missão universal dos cristãos, na concretização da pastoral social e na solução da questão social.

Ela é antes de tudo também uma nova situação para pessoas e grupos em países, nos quais não é conhecida a Obra Kolping.

Os parceiros foram, por um lado, amigos e conhecidos de membros da Família Kolping já existente e, por outro, foram e ainda são pessoas, sobretudo cristãos, leigos, religiosos e sacerdotes que conheciam a Obra por sua própria experiência e por contatos pessoais e desejavam vê-la atuando em seu próprio país.

No processo da implantação, ouviram-se opiniões que não viam com bons olhos essa ação missionária.

Alguns julgaram que já a palavra germânica "Kolping", composta de muitas consoantes, não é particularmente harmoniosa para ouvidos brasileiros e a língua do povo, acostumada a um idioma vocálico, quase cantante que tem dificuldades de pronunciar-la.

Além disso, a Obra Kolping, nascida há mais de cem anos num outro continente, portanto originária de ontem e do exterior, estaria em desacordo com as 5 tendências gerais, que se admitem o que nasce da base e estão cansadas de receber soluções de fora, de cima e de ontem.

Finalmente, a Obra Kolping se incluiria entre certos movimentos internacionais que não são aceitos em toda parte e muitas vezes são até suspeitos de não passarem de filiais dirigidas a partir do exterior, sobretudo de Roma, e defenderem os interesses dos poderosos do Primeiro Mundo.

Tais interrogações colocam a necessidade de não se adaptar apenas exteriormente (adaptação) um movimento no seu encontro com outras culturas, ou somente harmoniza -lo interiormente (aculturação), mas implanta-lo autenticamente (inculturação), através de um processo mais.

A semente vinda de fora e de cima precisa ser aceita pelo solo e tornar-se uma árvore

sadia, que produza bons frutos.

A vida é constituída de tensões dialéticas de fora e de dentro, de cima e de baixo, novas e já existentes. Nenhum dos pólos deve ser unilateralmente desenvolvido ou exagerado. Entre os extremos da xenofobia defensiva (medo do que é novo), e da ingênua crença no progresso (só o que é novo importa) do colonialismo que age partindo de cima, soluções a partir de fora e para os outros, e do elitismo egoísta de grupos (são suficientes as soluções locais), deve -se buscar a verdade de um processo que seja transformador, que combine o acrescido com o já existente, para o qual o novo não rompe com o antigo, mas o desenvolve no sentido de uma qualidade de vida melhor.

4.2 - Internacionalidade

A internacionalidade é uma das características mais marcantes da Obra Kolping. Esta vem desde o fundador da Obra, que não era homem caseiro e não cessava de ultrapassar as estreitas fronteiras da sua cidade para levar a seu ideal aos países europeus então acessíveis, por exemplo a Suíça, a Áustria, a Itália, a Hungria, a Holanda. Em nossa época, em virtude do progresso técnico, é possível estabelecer contatos praticamente com todos os continentes. A internacionalidade é uma orientação expressa em programas e estatutos.

Esta proíbe qualquer forma de colonialismo que, num primeiro momento, traz felicidade e investimento, mas em longo prazo manipula e enriquece os seus agentes.

o caráter internacional da Obra Kolping é, pelo contrário, uma indicação do seu elemento missionário. Trata-se de transmitir aquilo que nos é mais precioso, mais elevado e mais profundo e que representa a pessoa de Jesus Cristo, cuja mensagem única, exemplo de amor e ressurreição, os membros da Obra Kolping de todo o mundo podem anunciar através da palavra do evangelho, da Festa da liturgia e da obra da diaconia.

A internacionalidade é a recordação permanente do fato original: a inquietação, a dinâmica, o pensamento, a vontade, a atividade, a oração e o sofrimento do homem chamado Adolph Kolping. Por força dessa dedicação em apenas 16 anos foram reunidos 25000 jovens trabalhadores artesãos em 418 associações.

É esse empenho que chamamos "identidade da Obra Kolping", aquele elemento que surgiu em determinado momento da História, que permanece idêntico e nos impele para a sua transmissão.

Somente no contato com este elemento original é possível um engajamento no fronte.

Este empenho pode ser considerado um patrimônio universal, que aconteceu uma vez e foi tão marcante que se tornou modelo, e pode ser compreendido e seguido por todos os povos e em todas as épocas.

É a fé que passa para a ação, transformando-se na práxis da mudança. Esta fé transformadora do mundo é a internacionalidade da Obra Kolping.

Uma obra que se pretende ser internacional não pode contentar-se com ser multinacional, o que de fato ocorre em vários países, nem transnacional, a orientação é a decisão dada por um país.

Deve tornar-se nacional em cada país, pelo menos poder tornar-se nacional. Isso significa: um ideal só e *internacional* quando esta presente entre países diferentes no sentido da palavra latina *interesse = ser entre*.

Isso acontece quando esta presente nos focos da vida, quando significa uma novidade qualitativa e sabe unir -se as forças que promovem o autêntico progresso da vida.

A Questão Social de hoje é o sub-homem que vive no isolamento. Quando a fé se transforma em prática e o ser humano é libertado da subumanidade e dignificado, a Questão Social encontra a sua solução.

Se Adolph Kolping vivesse hoje, compartilharia muito de perto as preocupações daquele que chamamos Teologia da Libertação. A linha forte desta Teologia, que deriva uma práxis da fé vivida, e levada a sério, no Êxodo e na Ressurreição, e se dedica a libertação real e efetiva aqui e agora do homem cativo na miséria, também seria a sua linha. As associações de trabalhadores artesanais que idealizou tinham os mesmos princípios fundamentais da Igreja, nas comunidades de base de hoje. Estes princípios fundamentais são:

sensibilidade para o problema social;

reflexão sobre o potencial da Fé;

engajamento motivado pela Fé;

posição a sistemas que ameaçam a vida humana;

participação na missão da Igreja, mas fora das estruturais usuais, em campos novos, frentes novas

Na América Latina, o Concílio Vaticano II foi a hora do nascimento, Medellín, o batismo, e Puebla, a confirmação dos movimentos populares de base.

5. Utopia e caminho

Durante longo tempo, o Brasil acreditou em soluções vindas de cima. Aos poucos percebeu -se que se o país quiser libertar -se das clamorosas injustiças reinantes as mudanças também precisam vir de baixo. Este processo de um movimento a partir da base é um sinal de esperança do nosso tempo. O povo começa a organizar- se através de passos pequenos, mas firmemente determinados (informações, formação, grupos de auto-ajuda, associações regionais). Descubra a dimensão política. Muitos pequenos grupos espalhados pouco conseguem; organizados, podem conquistar muitas coisas.

Aqui se insere a Obra Kolping. Nascida na sua época como movimento popular e de base, hoje, no contexto de outros povos, procura praticar a solidariedade com os grupos marginalizados. Vê a transformação da sociedade como um processo em que passos menores eram a outros intermediários e estes, por sua vez, aos passos maiores da mudança. Pequenos passos são todas as medidas de assistência e ajuda, especialmente para pessoas necessitadas, bem como prestação de serviços de formação, desde cursos até treinamentos, desde a informação até a formação completa, que pressupõem participação.

Como passos médios podem ser consideradas organizações de auto-ajuda, seja no sentido de uma institucionalização na base, seja no sentido da criação de uma federação acima da base.

Os grandes passos da mudança ocorrem particularmente na dimensão social e política. São realizados principalmente por organizações trabalhistas, sindicatos e partidos, construídos a partir da base.

Todas as iniciativas são orientadas de tal forma que sejam apoiadas por comunidades, que se desenvolvem como grupos locais de auto-ajuda, em ligação com uma coordenação regional e nacional.

Como um todo a Obra Kolping considera-se um movimento popular com estrutura, método e perspectiva definida. É uma associação social católica, que quer representar a fé cristã no mundo do trabalho.

o objetivo fundamental é a promoção e libertação integral da pessoa humana, especialmente do trabalhador, e a transformação da sociedade através de estruturas mais justas e mais humanas. Trata-se prioritariamente da motivação e da preparação para o trabalho, da criação de empregos e do incentivo para a formação de organizações trabalhistas, que defendam internamente e externamente os interesses do homem trabalhador.

Em sintonia com a pastoral social da Igreja latino-americana, a Obra Kolping do Brasil apóia a opção pelos jovens e os pobres. É contra qualquer forma de luta de classes, mas rejeita a mentalidade de *status quo*. Empenha-se decididamente na transformação das condições existentes. Não está comprometida com nenhum partido político, nem luta por determinados grupos sindicais, mas coloca-se ao lado daqueles que defendem os interesses dos grupos marginalizados.

A Obra Kolping baseia-se na iniciativa do indivíduo, defende a autonomia das comunidades e exige liberdade de espaço para associações e organizações intermediárias. A situação só se modificará quando o maior número possível de pessoas colaborar ativamente. Uma sociedade que não se organiza e não age em conjunto será tratada e organizada a partir de cima.

Para os anos 90, a Obra Kolping do Brasil estabelece os seguintes pontos básicos e propõe as seguintes orientações:

5.1. Mundo do trabalho e associações de pequenos trabalhadores autônomos

Ainda que a Obra Kolping se considere como um movimento social de orientação integral, que acompanha toda a vida do homem, esta consciente de que sua atuação específica está no mundo do trabalho, que tem uma importância toda especial na reestruturação das

condições sociais. No mundo do trabalho, trata-se prioritariamente do homem trabalhador, que deseja seguir sua iniciativa própria, que gostaria de criar sua empresa, juntamente com outros, e para isso precisa de ajuda.

o que num país como o Brasil pode mudar a situação de miséria não é um pequeno número de pessoas, mas milhares de pessoas que tenham a coragem de começar, apesar de todas as dificuldades, de tomar uma iniciativa, de começar uma empresa, por menor que seja, numa palavra que seja criativa. A Obra Kolping julga ser uma tarefa especial reunir pequenos trabalhadores autônomos, formar-os e acompanhá-los nos seus esforços de auto-ajuda.

6. - Formação e escolas sociais

Na última década do século, o Brasil se vê confrontando com o mundo da ciência e da tecnologia moderna e diferenciada. A Igreja procura estar presente nesse processo. Movimentos que se dedicam a pastoral social, que se preocupam em transmitir a fé cristã ao mundo do trabalho, não podem deixar de preparar-se e posicionar-se adequadamente através da informação e da instrução.

A Obra Kolping dá uma prioridade especial, no presente e no futuro, às escolas sociais criadas por várias Comunidades Kolping de uma determinada região.

7. - Movimento popular e presença política

A Obra Kolping não pode contentar-se em realizar bons trabalhos em pequena escala, apenas em âmbito local, ocupando-se de tarefas rotineiras, para manter-se fora das discussões, por vezes ruidosas e acaloradas, com a sociedade. Pelo contrário, partindo do trabalho concreto realizado dia após dia pelos diferentes grupos, comunidades e federações regionais, no futuro, ainda mais que até agora, a Obra Kolping procurará, juntamente com organizações de atividades semelhantes, exercer influência sobre órgãos públicos, movê-los a cooperação em favor dos marginalizados, e ela própria assumir maiores responsabilidades sociais e mesmo políticas. No passado recente, uma série de Famílias Kolping participou de forma exemplar de iniciativas civis, colaborando na sua organização.

Em muitos lugares, membros de Famílias Kolping colaboram exemplarmente em grupos pastorais e agremiações municipais, em organizações sindicais e partidos políticos. Nas eleições municipais de 15 de novembro de 1988, 75 membros das Comunidades Kolping do Brasil candidataram-se ao cargo de prefeito ou vereador. Um movimento popular como o da Obra Kolping, na sua condição de comunidades de formação e ação, oferece oportunidades e possibilidades únicas de preparar pessoas para sindicatos e partidos que, em última instância, são os instrumentos decisivos da mudança da sociedade.

Na organização da sociedade brasileira, na redefinição do que esta presta a passar de administrador a coordenador do bem-comum, no futuro caberá a organismos intermediários, como o são os movimentos populares, grandes responsabilidades e tarefas. Quando bem motivados, estruturados e administrados, já agora são umas esperanças concretas para inúmeros indivíduos completamente esquecidos pelo estado.